



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS CERRO LARGO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL**

**DIANA JUCIÉLI RIBEIRO**

**EMBATES IDEOLÓGICOS PRESENTES EM ENUNCIADOS DO ESPETÁCULO  
SOM E LUZ, REALIZADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO MIGUEL ARCANJO -  
RS**

**CERRO LARGO**  
**2016**

**DIANA JUCIÉLI RIBEIRO**

**EMBATES IDEOLÓGICOS PRESENTES EM ENUNCIADOS DO ESPETÁCULO  
SOM E LUZ, REALIZADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO MIGUEL ARCANJO -  
RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de  
licenciatura em Letras da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Ana Beatriz Ferreira Dias

**CERRO LARGO  
2016**

**DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação**

, Diana Juciéli Ribeiro  
EMBATES IDEOLÓGICOS PRESENTES EM ENUNCIADOS DO  
ESPETÁCULO SOM E LUZ, REALIZADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO  
SÃO MIGUEL ARCANJO - RS/ Diana Juciéli Ribeiro . --  
2016.  
28 f.

Orientador: Ana Beatriz Ferreira Dias.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em letras - português e espanhol , Cerro  
Largo, RS, 2016.

1. ideologia. 2. signo. 3. enunciado. 4. texto. I.  
Dias, Ana Beatriz Ferreira, orient. II. Universidade  
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

DIANA JUCIÉLI RIBEIRO

**EMBATES IDEOLÓGICOS PRESENTES EM ENUNCIADOS DO  
ESPETÁCULO SOM E LUZ, REALIZADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO  
MIGUEL ARCANJO - RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ana Beatriz Ferreira Dias

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

24/06/2016

BANCA EXAMINADORA:

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Beatriz Ferreira Dias – UFFS

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Maltrahn Schneiders – UFFS

  
Me. Juliani Borchardt da Silva – UFFS

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como se dão conflitos ideológicos construídos em enunciados do “Espetáculo Som e Luz”, realizado em São Miguel das Missões – RS. A atração, que tem a duração de aproximada de 1 hora, consiste em jogo de luzes que ilumina a Catedral e outros elementos que fazem parte do cenário do Sítio Arqueológico, como árvores e o próprio campo, por onde, no passado, caminharam índios e padres. Para a construção dos sentidos nesse Espetáculo, o integram, além das luzes, diálogos entre personagens que fizeram parte da história de São Miguel, como o índio Sepé Tiaraju, jesuítas e representantes de Portugal e Espanha, coroas que disputavam o território dos Sete Povos. Durante falas do Espetáculo, observamos que há uma tensão ideológica entre dois grupos: um, composto principalmente por índios e padres, e outro composto por portugueses e espanhóis que estavam articulando a troca do território dos Sete Povos das Missões pela Colônia do Sacramento (propriedade portuguesa até então). Além desses dois grupos, Terra e Ruína, que são personificadas, conduzem o Espetáculo e mostram-se ao lado dos índios e dos padres, a quem a Ruína trata como “pais”, já que por eles foi edificada, e a Terra como filhos. Como os elementos ideológicos que são importantes para a construção de sentido no “Som e Luz” são inúmeros, neste trabalho enfocamos, principalmente, nas diferenças ideológicas possíveis de serem identificadas com base em alguns enunciados dos personagens dos dois grupos acima citados. A partir de nossa leitura dos enunciados dos personagens, buscamos identificar ideologias que os constituem, além de apontar estratégias discursivas que nos levam a formular hipóteses a respeito de suas ideologias. Para a realização deste trabalho, tomamos como base os pressupostos teóricos e metodológicos formulados pelo Círculo de Bakhtin e por estudiosos que vêm desenvolvendo seus estudos no âmbito dos estudos bakhtinianos. Tendo o texto como objeto de nossa pesquisa, estudamos diálogos impregnados de ideologias, aspirando entender como acontecem os embates ideológicos. Ao analisar os enunciados, questões como contexto, seleção lexical e entonação foram fundamentais para nossa leitura e compreensão. Conceitos centrais como signo, ideologia, diálogo e dialogismo são discutidos e dão suporte para a análise. Como conclusão, entendemos que os embates ideológicos reconstruídos no Espetáculo, são fruto das realidades e das diferentes verdades que traziam consigo personagens do Espetáculo. Para missionários (índios e padres) e europeus colonizadores (portugueses e espanhóis), as visões sobre o mundo eram diferentes, o que se comprova pelos confrontos que estabelecem representantes desses segmentos. Exemplos das diferentes ideologias podem ser observadas nas relações que os grupos estabelecem com “trabalho”, com a “terra”, entre outros. Enquanto para os missionários, suas terras eram chamadas de “querência”, palavra que remete a certo sentimentalismo, para os colonizadores, é tratada como “território”, termo que sugere posse, domínio. Este e outros confrontos ideológicos podem ser percebidos em diálogos cheios de tensão, ou em simples comentários que revelam, por exemplo, como cada grupo enxergava o trabalho e o motivo da guerra travada entre missionários contra o exército luso-espanhol.

Palavras-chave: Ideologia – signo – enunciado – texto

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo comprender como ocurren los conflictos ideológicos construidos en enunciados del “*Espectáculo Som e Luz*”, de *São Miguel das Missões – RS*. La atracción, que tiene la duración aproximada de 1 hora, consiste en juego de luces que iluminan la Catedral y otros elementos que hacen parte del escenario del *Sítio Arqueológico*, como árboles y el propio campo, donde, en el pasado, caminaran indios y curas. Para la construcción de sentidos en Espectáculo, lo integran, además de luces, diálogos entre personajes que hicieron parte de la historia de *São Miguel*, como el indio Sepé Tiaraju, jesuitas y representantes de Portugal y España, reinos que disputaban el territorio de los Siete Pueblos. Durante las hablas del Espectáculo, observamos que existe una tensión ideológica entre dos grupos: un, compuesto principalmente por indios y curas, y otro, compuesto por portugueses y españoles que estaban articulando el cambio del territorio donde estaban los Siete Pueblos de las Misiones por la Colonia del Sacramento (propiedad portuguesa hasta el momento). Además de los dos grupos, “*Terra*” e “*Ruína*”, que son personificadas, conducen el Espectáculo y expresan que están al lado de los indios y curas, a quienes, la “*Ruína*” trata como padres, ya que por ellos fue edificada, y la “*Terra*” como hijos. Como los elementos ideológicos que son importantes para la construcción de sentido en el “*Som e Luz*” son inúmeros, en este trabajo enfocamos, principalmente, en las diferencias ideológicas posibles de ser identificadas con base en enunciados de los personajes de los dos grupos citados arriba. A partir de nuestra lectura de los enunciados de personajes, buscamos identificar ideologías que los constituyen y apuntar estrategias discursivas que nos llevan a formular hipótesis al respecto de sus ideologías. Para la realización de este trabajo, tomamos como base los presupuestos teóricos y metodológicos formulados por el Círculo de Bakhtin y por estudiosos que están desarrollando sus estudios en el ámbito de los estudios bakhtinianos. Teniendo el texto como objeto de nuestra pesquisa, estudiamos diálogos impregnados de ideologías, aspirando entender como ocurren los embates ideológicos. Al analizar los enunciados, cuestiones como contexto, selección lexical y entonación fueran fundamentales para la lectura y comprensión. Conceptos centrales como signo, ideología, diálogo y dialogismo fueran discutidas y son soporte para las analices. Como conclusión, entendemos que los embates ideológicos reconstruidos en el “*Espectáculo Som e Luz*” son fruto de las realidades y de las distintas verdades que llevaban los personajes del Espectáculo. Para misioneros (indios y curas) y europeos colonizadores (portugueses y españoles), las miradas a respecto del mundo eran distintas, lo que se comprueba pelas peleas que establecen representantes de estos segmentos. Ejemplos de las distintas ideologías pueden ser observados en las relaciones que los grupos establecen con el trabajo, con la tierra, entre otros. Mientras para los misioneros, sus tierras eran llamadas de “querencia” palabra que remete a cierto sentimentalismo, para los colonizadores, es tratada como “territorio”, termo que sugiere pose, dominio. Esta y otras peleas ideológicas pueden ser percibidas en diálogos llenos de tensión, o en sencillos comentarios que revelan, por ejemplo, como cada grupo miraba el trabajo, el motivo de la guerra trabada entre misioneros contra el ejército luso-español.

Palabras clave: ideología – signo – enunciado - texto

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>07</b> |
| <b>2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA APRESENTADA<br/>NO ESPETÁCULO SOM E LUZ .....</b> | <b>11</b> |
| <b>3 SIGNO E IDEOLOGIA.....</b>   | <b>13</b> |
| <b>3.1 QUERÊNCIA E TERRITÓRIO: DIFERENTES SIGNOS REFERENTE A<br/>TERRA.....</b>           | <b>14</b> |
| <b>3.2 O TRABALHO NA IDEOLOGIA DOS GRUPOS REPRESENTADOS NO<br/>“SOM E LUZ” .....</b>      | <b>17</b> |
| <b>4 O “OUTRO EM ENUNCIADOS DO SOM E LUZ .....</b>  | <b>19</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>25</b> |
| <b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>27</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

É inegável que boa parte do povo gaúcho exalta sua cultura, sua história e sua identidade, enfatizando, em diversas situações, seu orgulho por valorizar as coisas da sua terra. Na região noroeste do Rio Grande do Sul, a história deixou marcas que vão além do imaterial, como os remanescentes arquitetônicos do antigo povoado jesuítico guarani de São Miguel, localizados na cidade de São Miguel das Missões – RS. As “ruínas de São Miguel”, como são conhecidas popularmente, foram tombadas como Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no ano de 1983, e representam parte da história missioneira, ou seja, remetem ao que viveram os índios guaranis e os padres jesuítas que habitaram tanto em São Miguel<sup>1</sup> quanto em outros seis povoados missioneiros instalados no sul do Brasil, entre os anos de 1682 e 1706, aproximadamente.

Um dos atrativos turísticos da Região Missioneira é o “Espetáculo Som e Luz”, que acontece na cidade de São Miguel das Missões. A atração, que tem a duração de aproximada de 1 hora, consiste em jogo de luzes que iluminam a Catedral e outros elementos que fazem parte do cenário do Sítio Arqueológico, como árvores e o próprio campo, por onde, no passado, caminharam índios e padres. Para a construção dos sentidos nesse Espetáculo, o integram, além das luzes, diálogos entre personagens que fizeram parte da história de São Miguel, como o índio Sepé Tiaraju, jesuítas e representantes de Portugal e Espanha, coroas que disputavam o território dos Sete Povos<sup>2</sup>.

O Espetáculo dá destaque para a Terra e a Ruína, elementos que, personificados, assumem certo protagonismo enquanto personagens do “Som e Luz”. Estas duas personagens, possuem papel fundamental no “Som e Luz”, afinal, são elas que, no início do Espetáculo, decidem narrar os fatos ocorridos em São Miguel, conforme suas visões. A partir da iniciativa da Ruína, a Terra, caracterizada como mãe do *gentio guarani*, convence-se de que é importante narrarem aos visitantes a história ocorrida no século XVIII, pois, deste modo, estariam

---

<sup>1</sup> São Miguel é, dos Sete Povos das Missões, o que mais possui vestígios materiais do que foram, no século XVIII, os povoados. O que no passado foi a Igreja da redução, hoje é ruína, um símbolo da história da região que atrai turistas devido a sua beleza e magnitude.

<sup>2</sup> São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio.



conseguindo uma retaliação por todo o sofrimento que viram os índios reduzidos, nas missões, sofrerem. Ao acreditarem que a revelação do que foi feito ao povo guarani e a identificação de quem foram culpados pela destruição dos povoados missioneiros, a Terra e a Ruína entendem que se vingariam de portugueses e espanhóis que articularam a troca dos Sete Povos pela Colônia do Sacramento, em 1750.

Os personagens principais que, na peça, apresentam suas verdades sobre os acontecimentos em questão são, além da Terra (palco de todos os acontecimentos) e da Catedral (hoje chamada de Ruína), os seguintes: Padre Antônio Sepp (fundador do povoado), Giovani Primoli (construtor da Catedral), Giuseppe Brasanelli (escultor), Marquês de Valdelírios (representante do Rei Espanhol), Gomes Freire de Andrade (General Português), Joaquim José Viana (Governador de Montevidéu) e Sepé Tiaraju (o índio líder dos guaranis).

Durante falas do Espetáculo, observamos que há uma tensão ideológica entre dois grupos: um, composto principalmente por índios e padres e outro composto por portugueses e espanhóis que estavam articulando a troca do território dos Sete Povos das Missões pela Colônia do Sacramento (propriedade portuguesa até então). Além desses dois grupos, Terra e Ruína, que conduzem o Espetáculo, mostram-se ao lado dos índios e dos padres, a quem a Ruína trata como “pais”, já que por eles foi edificada, e a Terra como “filhos”.

No intuito de explorar o encontro e o confronto entre estes dois grupos, este trabalho tem como objetivo compreender como se dão conflitos ideológicos construídos em enunciados do “Som e Luz”. A partir de nossa leitura dos enunciados dos personagens, buscamos identificar ideologias que os constituem, além de apontar estratégias discursivas que nos levam a formular tais hipóteses.

Para a realização deste trabalho tomamos como base os pressupostos teóricos e metodológicos formulados pelo Círculo de Bakhtin e por estudiosos que vem desenvolvendo seus estudos no âmbito desta perspectiva.

No que diz respeito a construção compreensão, segundo Bakhtin (2003) apud Geraldí (2012), o ato empírico concreto da compreensão, mesmo que único e indissolúvel, pode ser estudado em momentos, já que estas possuem autonomia semântica (de conteúdo). Tais atos são:

1)A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2)Seu reconhecimento (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu significado reprodutível (geral) na língua. 3)A compreensão de seu significado em dado contexto (mais próxima e mais distante). 4)A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade. (BAKHTIN, 2003, p. 398 apud GERALDI, 2012, p. 31)

Como afirma Geraldi (2012, p. 32) “não há análise do discurso sem discurso”. Ou seja, o objeto de análise é o texto, o enunciado. Neste sentido, cabe destacarmos que a palavra própria nunca é exclusiva, em outros termos, a palavra de um sujeito será o produto de suas interações com outros. Quanto aos aspectos de análise, enfocaremos, principalmente, na palavra, signo por excelência, e na entonação com que alguns dos enunciados do Espetáculo são proferidos. A partir do estudo dos enunciados, procuraremos mapear ideologias reveladas nos discursos de personagens.

Ao abordarmos os discursos em questão, devemos levar em conta que, conforme Volochinov (2013), discursos são sempre dialógicos, ou seja, são constituídos por duas ou mais vozes, que remetem a um conjunto de valorações sociais. Além disso, o discurso é dialógico porque sempre está orientado para o outro, responde a outro enunciado, polemiza com ele, aguarda sua resposta, entre outras relações dialógicas.

Conforme explica Mendonça a metodologia dos estudos bakhtinianos aponta “não só para o foco, mas também para a centralidade das relações entre o diálogo e a singularidade, entre o diálogo e o sujeito” (2012, p. 111), ou seja, a metodologia empregada consiste em análise dos enunciados como eventos.

Entre os apontamentos que Mendonça faz sobre enunciados, fala a respeito da importância de saber o contexto de produção para analisar um enunciado.

O enunciado está relacionado ao ato de dizer marcado historicamente, ato de dizer por um sujeito que interpreta, nesse momento histórico, a realidade e outros discursos, interpreta de forma única, irrepetível. (2012, p. 113)

Assim como Mendonça, Geraldi (2012) afirma que para entender o texto é necessário conhecer seu contexto e compreender as relações que os enunciados estabelecem entre si. Sobre os estudos na área da linguagem, Geraldi aponta que:

Quem estuda a linguagem não está interessado nos “recortes” dos discursos, mas no enunciado completo, total, para cotejá-lo com outros

enunciados fazendo emergirem mais vozes para uma penetração mais profunda no discurso, sem silenciar a voz que fala em benefício de um já dito que se repete constantemente. (2012, p. 27-28)

Neste sentido, ao analisarmos enunciados que fazem parte do “Som e Luz”, preocupamo-nos em entender seus contextos e em colocá-los em confronto com outros enunciados. Geraldi (2012), na mesma obra, exemplifica, dizendo que:

Dar contextos a um texto é **cotejá-lo com outros textos**, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento das origens. (2012, p. 33)

Procurando ler o máximo de informações das enunciações analisadas, buscaremos, neste trabalho, compreender as relações conflituosas presentes no Espetáculo Som e Luz. A partir do estudo de diálogos impregnados de ideologias, aspiramos entender como se dão os embates ideológicos e encontrar, nas enunciações, elos que as liguem a outras enunciações e a discursos de outros personagens ou grupos sociais.

O espetáculo foi assistido e transcrito, o que possibilitou análise, não apenas da seleção lexical, da disposição das palavras na frase, mas também da entonação com que enunciados foram proferidos pelos personagens. Para auxiliar na transcrição, utilizamos um vídeo do Espetáculo que está disponível na plataforma de vídeos online *Youtube*.

O trabalho está dividido em cinco seções. A primeira seção trata-se da Introdução, onde estão presentes o objetivo do trabalho, a metodologia e outros aspectos pertinentes. Na segunda seção veremos uma “Breve contextualização da história apresentada no Espetáculo Som e Luz”. A terceira seção, intitulada “Signo e Ideologia”, vem dividida em duas partes, na primeira, discutimos sobre “Querência e Território: diferentes signos referentes a terra”, já na segunda parte, falamos sobre as noções de trabalho, apresentadas com o subtítulo “O trabalho na ideologia dos grupos representados no “Som e Luz”. A quarta seção traz a discussão “O ‘outro’ em enunciados do Som e Luz”. Fechando o trabalho, as Considerações Finais.

## 2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA APRESENTADA NO ESPETÁCULO SOM E LUZ

Conforme a perspectiva adotada neste trabalho, entendemos que o texto, como afirma Barros (2005, p. 26 e 27), é “produto da criação ideológica” e composto, necessariamente, por elementos que estão nele subentendidos, como o contexto histórico social e cultural.

Dentro desta perspectiva de texto como uma refração da realidade, produzido em um momento único, em um determinado contexto, interessa-nos entender o texto (aqui também entendido como enunciado) do “Som e Luz”.

Para conhecermos história das Missões Jesuíticas, inicialmente, devemos saber que ela está estreitamente relacionada ao período em que Portugal e Espanha lançaram-se nas grandes navegações. Após aportarem na América, os europeus trataram de se preocuparam com o domínio do território e dos aborígenes. Conforme Signes (2011), o Estado e a Igreja faziam parte da mesma engrenagem que buscava ocupar partes do território americano e conquistar mais adeptos ao catolicismo.

No princípio da expansão colonizadora das Américas existiam duas instituições - o Estado e a Igreja - estavam responsáveis por organizar o domínio nas colônias locais. A função destas inicialmente estava dividida da seguinte maneira: O Estado tinha consigo a função de administrar e desenvolver uma política de povoamento; enquanto a Igreja tinha a função de “controle das almas”, cujo objetivo era pregar a obediência ao Estado (SIGNES, 2011, p. 01).

Os padres que vieram para o “novo mundo” faziam parte da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loiola, em 1640. Fagundes (1998, p. 28-32) diz que os padres jesuítas, como eram conhecidos os membros da ordem fundada por Loiola, possuíam uma formação para-militar, ou seja, além de especializarem nos assuntos religiosos, culturais e educacionais, eram preparados para terem resistência física e coragem, encarando qualquer dificuldade que pudesse surgir, trabalhando sempre “para a glória maior de Deus” (lema da congregação).

No Rio Grande do Sul, ainda conforme leitura deste historiador, a ação dos missionários teve dois momentos, distintos. O primeiro, Período Reduicional, entre os anos de 1626 e, aproximadamente 1640, quando, conforme Pesavento (1994), os jesuítas fugiam da ação dos bandeirantes paulistas, que viam nos índios aldeados nas reduções do Paraguai, mão de obra adestrada para o trabalho e obediente (já que os índios haviam sido educados pelos padres). Os padres, vindos da região de

Itatins e Guairá (atual Paraguai), estabeleceram-se, em 1626, no território gaúcho, construindo reduções que, no conjunto, receberam o nome de Reduções do Tape.

Até 1640, jesuítas e índios aldeados resistiram à ação dos bandeirantes, os perseguiram mesmo depois da mudança de território. Após diversas investidas e muitos índios serem levados para trabalhar como escravos, padres e índios deixaram o território rio-grandense e partiram para a Argentina, retornando apenas em 1682, quando inauguram um novo período, o Período Missioneiro, no qual são fundados os Sete Povos das Missões. É justamente esse período da história que o Espetáculo Som e Luz reconstrói.

Conforme Pesavento (1994), nos Sete Povos os jesuítas organizaram criação de gado em estâncias, de onde tiravam gado e extraíam couro que era vendido em Buenos Aires. Também a produção de erva-mate revelou-se muito lucrativa e passou a ser explorada pelos jesuítas. Outros trabalhos artesanais na área da metalurgia, da fiação, da tecelagem, entre outros, também rendiam proveito financeiro:

Criando unidades economicamente desenvolvidas, praticamente autônomas, exportando para a Europa, enviando tributos ao Geral da Companhia, em Rosa, com influência política dentro dos Estados Católicos da Europa, a Companhia de Jesus tornou-se pouco a pouco uma ameaça. Generalizou-se o boato de que a ordem jesuítica se constituíra num “Estado dentro do Estado” e que os padres estariam com intenção de fundar um “Império Teocrático na América” (PASAVENTO, 1994, p. 12).

Devido à ameaça acima apresentada, de que os jesuítas estavam desenvolvendo economicamente os povoados e de que já estavam tendo uma vida independente da coroa a qual pertenciam, Portugal e Espanha, na intenção de manter o domínio na região, assinam o Tratado de Madrid, em 1750. O acordo estipulava que espanhóis receberiam a Colônia do Sacramento se entregassem aos portugueses as terras onde estavam localizados os Sete Povos das Missões. Diante a recusa dos índios em abandonarem suas terras e tudo o que nelas haviam construído, iniciaram os confrontos que fizeram parte da chamada Guerra Guaranítica, que durou de 1754 a 1756 (PESAVENTO, 1994).

No Espetáculo Som e Luz, a Terra e a Catedral, que se apresentam como testemunhas vivas de que ocorreu durante o período em que índios e padres habitaram o espaço da Redução de São Miguel Arcanjo, possuem voz e a utilizam para contar, com o auxílio de personagens que viveram os dias de glória e

decadência dos Sete Povos, como se desenhou a história e como era São Miguel antes da assinatura do Tratado de Madrid e da Guerra Guaranítica.

Analisaremos, na sequência, discursos que compõem o texto do Espetáculo, buscando compreender as relações de poder, possíveis de serem analisadas por meio das escolhas lexicais e da entonação ao pronunciarem seus enunciados. Observamos também que nenhuma palavra é única e exclusiva de seu locutor, afinal qualquer texto é dialógico, já que traz numa única voz, outras vozes. Nas análises, portanto, procuraremos reconhecer as relações que se estabelecem entre os enunciados e entre seus personagens, buscando pontuar quais discursos são constituintes de determinados enunciados. Sobre análise Antunes (2010) diz que “A finalidade da análise, portanto, é promover esse estado de pergunta, de busca; esse querer ver, mais por dentro, a engrenagem de funcionamento da linguagem”.

### **3 SIGNO E IDEOLOGIA**

Bakhtin (2012), em sua obra *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*, afirma que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.” (2012, p. 31). Ou seja, ideologias são materializadas por meio de signos. Conforme esta perspectiva, o signo ideológico possui uma forma material, o que faz com que a realidade do signo seja objetiva e possa ser estudada metodologicamente, afinal os signos tem encarnação como som, cor, movimento, entre outros. Bakhtin ainda diz que cada signo é “um fragmento material desta realidade” (2012, p. 33).

Para identificar ideologias presentes em enunciados do Espetáculo Som e Luz, focamos a análise na palavra enquanto signo ideológico, afinal essa materialidade é aquela que melhor aponta para ideologias, como afirma Bakhtin:

A palavra é um fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. [...] É, precisamente, na palavra, que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica. (Bakhtin, 2012, p. 36)

Nesse sentido, ao estudarmos as palavras enunciadas pelos personagens, é possível estabelecer hipóteses a respeito das ideologias presentes em discursos.

Em um mundo composto por distintas verdades, e distintas ideologias, os confrontos são comuns. Uma vez que nos ocupamos da ideia de confrontos ideológicos, cabe destacar o que entendemos como ideologia. A partir da teoria do Círculo de Bakhtin, entendemos que ideologia consiste em visão de mundo, valoração, posição social, e está diretamente relacionada à formação social dos sujeitos. Com base nesta mesma corrente teórica, Fiorin (2003) esclarece que ideologia é o conjunto de ideias e valores que justificam e explicam a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros.

Conforme Miotello (2005), apenas Voloshinov, de todos os autores integrantes do Círculo de Bakhtin, traz uma definição explícita de ideologia. Voloshinov (1998, p. 107 apud Miotello, 2005, p. 169) afirma que “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou formas sígnicas”.

Em meio às distintas maneiras de ver o mundo e as situações que nele se apresentam, estabelecem-se, relações entre ideologias em todas e quaisquer atividades humanas. Essas relações, que podem ser harmoniosas, conflitantes ou tensas, podem ser observadas nas enunciações do Som e Luz.

### 3. 1 QUERÊNCIA E TERRITÓRIO: DIFERENTES SIGNOS REFERENTES À TERRA

No texto do Espetáculo, há um embate ideológico entre dois grupos, como discutimos anteriormente: um referente ao grupo dos missioneiros (composto por padres e índios), que solicita a permanência em suas terras, e, outro, ao dos dominadores (portugueses e espanhóis), que, ao assinarem o Tratado de Madrid, determinam que os habitantes dos povoados missioneiros devem deixar suas terras.

Ao cotejarmos enunciados do Espetáculo Som e Luz com estudos da área de História, não é difícil identificar, em linhas gerais, as principais diferenças existentes entre o que pensavam os missioneiros e o que pensavam espanhóis e portugueses sobre questões ligadas a posse da terra. Para os missioneiros, de um modo geral, o

território no qual viviam há tanto tempo significava o sustento: havia um certo apego a ele e a tudo o que haviam edificado. Já para os espanhóis, que negociaram o território dos Sete Povos em troca da Colônia do Sacramento, a terra parece significar possibilidade lucros e, em consequência, de poder. Essas afirmações podem ser observadas em enunciados como:

Trecho 1: *“É preciso continuar lutando sempre, unidos, defendendo nossa querência”* (fala do líder Sepé Tiaraju, motivando os demais índios);

Trecho 2: *“Esquece que nossos soldados lutam mais pelo salário, ao passo que os Guaranis defendem seus territórios”* (argumento apresentado por Joaquim José Viana, governador de Montevidéu, em diálogo com Gomes Freire de Andrare, representante da Coroa Portuguesa).

Nos exemplos apresentados, ainda é pertinente observar a escolha lexical dos personagens para se referirem ao motivo da luta. Enquanto o governador de Montevidéu usa a palavra “território”, Sepé Tiaraju, o líder indígena, fala a palavra “querência”.

Segundo o Ferreira (2009, p. 1940), no Dicionário Aurélio, “território” quer dizer “1. Extensão considerável de terra; torrão. 2. Área de um país, ou estado, ou província, ou cidade, etc, [...], 4. Base geográfica do Estado, sobre a qual exerce ele a sua soberania, e que abrange o solo, rios, lagos, [...]”.

A palavra “querência”, no mesmo dicionário, tem a seguinte definição: “Lugar ou paradeiro onde o gado habitualmente pasta, ou onde foi criado” (FERREIRA, 2009, p. 1676). Já no Dicionário de Regionalismo, (1996, p. 409) “querência” é definida como “s. Lugar onde alguém nasceu, se criou ou se acostumou a viver e ao qual procura voltar quando dele afastado. Lugar onde habitualmente o gado pasta ou foi criado”. Isso aponta que há apego ao chão onde vivem, o que vai totalmente ao encontro com a ideia de que Sepé e seus companheiros, defendiam sua terra não por questões econômicas.

Para auxiliar neste estudo de enunciados e compreender melhor as escolhas feitas por Joaquim José Viana e Sepé Tiaraju, apropriamo-nos do termo “território” no que diz respeito aos estudos geográficos, já que tal signo provém desta área.

O território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. No



entanto, a delimitação pode não ocorrer de maneira precisa, pode ser irregular e mudar historicamente, bem como acontecer uma diversificação das relações sociais. (SAQUET; SILVA, 2008, p. 8)

É possível percebermos, a partir da noção de território, o quanto a palavra “território” fazia parte do contexto cultural de portugueses e espanhóis que estavam na América, em busca de novos territórios e, consecutivamente, de maior poder no contexto mundial. Para Joaquim José Viana, Governador de Montevideú, assim como para outras autoridades portuguesas e espanholas, as terras onde estavam os Sete Povos interessavam apenas para os negócios e, por este motivo, foi articulada sua troca.

No que diz respeito ao enunciado de Sepé Tiaraju, é interessante observarmos também o uso do pronome possessivo “nossa”, ao se referir a querência. Além do apego ao local que a própria palavra “querência” apresenta, há essa afirmação de que tal espaço tem donos. O termo “nossa”, utilizado por Sepé no momento em que mobiliza os guaranis para serem firmes na defesa de seu chão, também pode ser entendido como uma estratégia para entusiasmar os índios, afinal, Sepé refere-se a querência como algo comum, de todos. A utilização da palavra “defendendo”, somada ao “nossa querência”, da intensidade ao propósito do líder indígena, pois mostra a iniciativa de Sepé e dos demais índios de não entregarem suas terras sem luta.

Tais escolhas lexicais mostram muito a respeito das visões de mundo, ou melhor, das ideologias dos personagens. É interessante destacar que, embora os enunciados acima analisados tenham sido proferidos por Sepé Tiaraju e Joaquim José Viana, elas refletem modos de pensar dos grupos a que estes personagens integram. Suas consciências não são unicamente suas, elas se formaram nas interações sociais que tiveram e foram influenciadas pelas vozes dos outros e pela sua realidade.

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, no processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 2012, p. 34)

Neste sentido, fica claro que a utilização da palavra “território” e as noções que dizem respeito à posse da terra não representam a ideologia apenas de Joaquim José Viana, mas também de outros portugueses e espanhóis que entendiam o espaço territorial como poder. A mesma relação acontece, de igual modo com o líder indígena Sepé Tiaraju. A ideia de “querência” fazia parte não somente da ideologia dele, mas do grupo ao qual integrava, dos índios guaranis catequizados pelos padres jesuítas.

### 3. 2 O TRABALHO NA IDEOLOGIA DOS GRUPOS REPRESENTADOS NO “SOM E LUZ”

Nos trechos em que o Padre Antônio Sepp, por meio de suas enunciações que tem como interlocutor os que assistem ao “Som e Luz”, tem como objetivo retratar como era a vida nas missões. Padre Sepp, ao descrever atividades que, segundo ele, eram realizadas no povoado missioneiro, diz

Trecho 3: *“O trabalho já é um fim: realiza-se em si próprio, isso transforma o trabalho sempre em nova poesia.”*

Com a fala do jesuíta, concebemos a ideia de que o trabalho, além de dignificar os índios, não se fazia por obrigação, de maneira aborrecida. Ao comparar o trabalho com poesia, o Padre romantiza a ação de trabalhar e, de certo modo, afirma que o trabalho era bonito, prazeroso e que os índios o exerciam de forma harmoniosa e feliz, ficando satisfeitos por estarem empenhando sua força e seu tempo em determinada atividade.

Em outro trecho do espetáculo, quando o arquiteto que edificou a catedral, Giovanni Primoli, toma a palavra, sobre a construção da igreja, relata:

Trecho 4: *“Dez anos de trabalho contínuo. E sempre junto comigo, disposto e tão bonitos, cem operários índios.”*

O enunciado de Giovanni Primoli reforça a imagem do trabalho como um fim, como algo belo. Neste sentido, é possível considerarmos que “trabalho”, enquanto

um signo ideológico, possui um sentido muito poético e está relacionado muito mais com uma atividade indispensável, que dava sentido e beleza a vidas das pessoas, do que atividades as quais os índios realizavam por obrigação, por sentirem-se pressionados a tal. Também é interessante salientarmos que os índios trabalhavam unidos e não recebiam pelo trabalho nada além do que era necessário para o seu sustento. Tais constatações podem ser confirmadas nos enunciados abaixo.

Trecho 5: *“Sentimos o cheiro acre de sua luta cotidiana, em que os homens eram irmãos pra colher e moer o trigo.”*

Trecho 6: *“O trabalho já é um fim; realiza-se em si próprio.”*

O “trecho 5”, enunciado da Ruína, dá a entender que todo o trabalho era realizado em irmandade, coletivamente. Já no enunciado que chamamos de “trecho 6”, proferido pelo Padre Antônio Sepp, percebe-se que o trabalho não visava outro benefício além da ação de trabalhar. O enunciado nos possibilita a compreensão de que não havia um pagamento ao final das tarefas. Ver a tarefa concluída, conforme a visão apresentada pelo jesuíta, era a recompensa.

Em contrapartida a ideia dos jesuítas, há, no texto do “Som e Luz”, uma passagem em que Joaquim José Viana, em conversa com Gomes Freire de Andrade, apresenta outra concepção “trabalho”, mesmo sem citar a palavra. Observemos a enunciação de Gomes Freire:

Trecho 7: *“O senhor está subestimando o poder de nosso adversário. Esquece que nossos soldados lutam mais pelo salário, ao passo que os Guaranis defendem seus territórios”.*

Tal enunciado nos mostra a diferença existente entre ideologias. Enquanto para jesuítas, o trabalho era quase uma recompensa pela vida, para os portugueses, espanhóis e seus exércitos, era um meio de ser remunerado e, assim, possuir poder econômico.

É interessante recordarmos que os discursos referentes a “trabalho” proferidos por Antônio Sepp e por Gomes Freire não são apenas a sua palavra, mas a palavra dos grupos sociais aos quais fazem parte. Junto a voz de cada um dos locutores, estão outras vozes.

A palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de ninguém). (BAKHTIN, 1997, p. 350 apud CEREJA, 2005, p. 203)

Na voz de Antônio Sepp, parece estar a voz de outros Padres da Companhia de Jesus e a ideologia da própria congregação. Também é possível relacionarmos a outras vozes e a outros discursos religiosos, como a obediência, a servidão e até mesmo a pobreza. Já na fala de Gomes Freire, encontramos discursos da sociedade capitalista, que são assentados no trabalho como meio de conseguir dinheiro.

#### 4 O “OUTRO” EM ENUNCIADOS DO SOM E LUZ

Conforme apresentado anteriormente, o Espetáculo se inicia com um diálogo entre a Ruína e a Terra, que são personificadas e, decidem narrar a história do povoado missionário de São Miguel Arcanjo. A partir da conversa entre essas duas personagens que se desdobram os acontecimentos do “Som e Luz”.

Ao invocar os espíritos daqueles que viveram no período em que os Sete Povos eram ativos, a Terra deixa claro seu objetivo com a “descrição dos fatos”, ao explicar porque chamou homens como o Padre Antônio Sepp com o seguinte enunciado:

Trecho 8: *“As Ruínas sugeriram que a palavra certa alcança, contra aqueles que nos feriram, a mais rápida vingança”.*

É pertinente observarmos alguns pontos do enunciado, como por exemplo, o fato da Terra usar o adjetivo “certa”. “Certa” tem a função de caracterizar o substantivo “palavra”, dando a entender que não é qualquer palavra que será dita no Espetáculo, mas a “palavra certa”, a palavra verdadeira. “Certa”, nesse sentido, se apresenta com um caráter de confiabilidade, de segurança. Quando a Terra profere que será falada a “palavra certa”, diz aos outros que a escutam que a palavra dos outros que são seus opositores é a palavra errada, ou seja, uma palavra leviana, sem compromisso com a verdade.

Também cabe observarmos que a “palavra certa”, conforme o dizer da Terra, alcança vingança “contra” aqueles que feriram. A preposição “contra” mostra com clareza a tensão que existe entre os dois grupos do espetáculo. A Terra, caracterizada como mãe do gentio guarani, deixa clara sua crença de que com a reconstrução dos episódios vividos nos Sete Povos, se vingará de portugueses e espanhóis que, em 1750, com a assinatura do Tratado de Madrid, articularam a troca dos Sete Povos das Missões pela Colônia do Sacramento, fato que desencadeou uma guerra, que foi responsável pela decadência de São Miguel e dos outros seis povoados e pela morte de boa parte dos índios guaranis.

Ao relacionarmos a enunciação em análise a outros trechos do “Som e Luz”, é interessante observarmos que a Terra, locutora da frase acima, refere-se aos portugueses e espanhóis, no momento em que invoca os mortos para voltarem à vida, “*mestres da traição e da inveja, [...] portugueses e espanhóis daquele tempo*”. A relação de tensão e ódio, também pode ser percebida nos diálogos de Sepé Tiaraju, o líder indígena que morreu na Guerra Guaranítica. Tais diálogos serão analisados adiante.

Em relação aos diálogos e as enunciações dos personagens, é importante levarmos em conta que todas as produções são feitas para o outro. Sobre esta relação com o outro, Volochinov (2013) afirma que:

Cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam imediatas, quer sejam aquelas que se vão formando nas entranhas da nossa consciência e recebem conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre orientada para o outro, até um ouvinte, inclusive quando este não existe como pessoa real. (VOLOCHINOV, 2013, p. 157)

O conceito de “outro” para Bakhtin está estreitamente ligado ao conceito de “diálogo”, afinal para que haja diálogo é necessária interação entre locutor e interlocutor. Neste processo, onde sujeitos se alteram no papel de locutores/interlocutores, o que recebe um enunciado é o “outro”. A este “outro”, cabe fazer uma leitura do que lhe foi dito e responder, não necessariamente através de palavras.

No que diz respeito à produção dos enunciados sempre levando em consideração o “outro”, o ouvinte, podemos utilizar como exemplo todo o texto do “Espetáculo Som e Luz”. Cada enunciação tem destinatário e propósitos.

Nas enunciações, de um modo geral, não apenas a escolha lexical revela as intenções e as ideologias do falante. Outros aspectos também devem ser analisados, como a entonação da voz dos locutores, a relação de hierarquia que se estabelece entre locutor e interlocutor, etc.

Todas as enunciações se constituirão precisamente com base em sua visão; suas possíveis opiniões e valorações determinarão a ressonância interna ou externa da voz – a entonação – e a escolha das palavras e a sua composição numa enunciação concreta. (Volochinov, 2013, p. 166)

Para que compreendamos melhor como se estabelecem os diálogos e como ideologias são expressas por meio das enunciações, podemos observar os diálogos que envolvem Sepé Tiaraju, o chefe dos guaranis. A relação entre o enunciador e o ouvinte, fica evidente pela escolha de palavras e pela entonação da voz dos personagens. Quando Sepé Tiaraju conversa com os índios que lidera, refere-se a eles como “companheiros” e, buscando incentivá-los a lutar, utiliza palavras e termos como “lutando”, “unidos”, “defendendo”, “nossa querência”, “avancemos”, “Nação Guarani”, “liberdade”, “luta” e “lealdade”, signos que revelam característica do modo de pensar dos guaranis e, por consequência, do que motivava a sua luta: a defesa de suas terras e a independência aos Espanhóis. A partir da questão semântica, é perceptível que as palavras utilizadas por Sepé Tiaraju dão a ideia de que o grupo dos guaranis possuía uma unidade psicológica, ou seja, uma ideologia assumida pelos moradores dos povoados missioneiros.

Quando Sepé fala com o português Gomes Freire de Andrade, chama-o de “general de mercenários”, de “bárbaro” e de “general assalariado”. Interessante observarmos que o líder indígena utiliza o adjetivo “assalariado” como algo negativo, isso pode se dar devido ao fato de que, para os indígenas, não era necessária uma remuneração, já que lutavam pelo seu espaço e por seus ideias, por sua liberdade. Na realidade a ideia de “salário” não fazia parte da realidade de Sepé e dos demais índios reduzidos. Seus valores sociais e culturais eram bem diferentes dos trazidos pelos europeus, o que ficou claro com as análises das relações de cada um dos grupos com o signo “trabalho”. Neste sentido, é possível compreendermos que Sepé desvaloriza o motivo pelo qual lutam portugueses e espanhóis, afinal, para ele, muito mais do que lutar por poder, defendia sua querência.

Sepé, quando chamado para conversar com Gomes Freire de Andrade, aceita o convite, dizendo ao Emissário, “*Vamos ao teu General*”. É interessante

observarmos que, mesmo estando só durante a conversa com a autoridade portuguesa, o índio manteve-se como um líder e, em momento algum, subordinou-se ao representante português, fato que se comprova também pelo uso do pronome possessivo “teu”, que identifica a autoridade portuguesa com general apenas do emissor.

Gomes Freire, por sua vez, também se manteve como o General que era, o que apresentou uma relação de horizontalidade, onde nenhum personagem submeteu-se ao outro. O português Gomes Freire, durante o diálogo, usou da ironia, como quando Sepé Tiaraju chegou para a conversa. A ironia se percebe pela entonação da voz de Gomes Freire e pelas palavras que ele utiliza. O General, ao ver Sepé Tiaraju se aproximando, profere a seguinte enunciação:

Trecho 9: *“Ora, ora, então este é o grande chefe... Tão jovem e tão despojados de defesa. Agora não usa sequer camisa o pobre bárbaro”.*

Ao intensificar os adjetivos “jovem” e “despojado” [de defesas], Gomes Freire hostiliza Sepé. O que nos possibilita chegarmos a esta conclusão, além do contexto em que a enunciação foi produzida é a maneira como Freire pronuncia os “elogios” ao líder indígena. Também é interessante destacar a reiteração da imagem de Sepé Tiaraju como o estereótipo do índio primitivo, que vivia nu.

O diálogo que segue, é uma troca de ofensas, enquanto Sepé acusa Gomes Freire e seus aliados de invadirem suas terras, o representante português enfatiza que o verdadeiro dono das terras sobre as quais estão os povoados missionários é o Rei de Portugal.

Para auxiliar na análise entonação, é necessário levarmos em conta algumas noções de prosódia, ou seja, “traços da fala não representados ortograficamente” (BOLLELA, 2006, p. 144). Bollela define “entonação” como “variação melódica ascendente ou descendente” (2006, p. 145).

Neste diálogo, assim como em outros, a entonação é importantíssima para a interpretação dos fatos e das relações que se estabelecem entre os personagens.

Bakhtin insiste neste aspecto da interação, sobretudo quando trata do contexto extraverbal do enunciado do enunciado, e introduz a questão da *avaliação* na relação entre os interlocutores. Os interlocutores avaliam-se e expressam esses valores por meios diversos de conteúdo ou de expressão, entre os quais o autor destaca a entonação, como expressão *fônica da*

*atividade social*: “O tom não é determinado pelo material do conteúdo do enunciado ou pela vivência do locutor, mas pela atitude do locutor para com a pessoa do interlocutor (a atitude para com sua posição social, para com sua importância, etc.)” (1992, p.396) (BARROS, 2008, p. 31)

Em enunciados como os abaixo, a entonação dá ênfase a determinadas palavras do texto, colocando-as no foco dos enunciados.

Trecho 10: “*És um intruso. Mais do que eu, **tu és um bárbaro.***”

Trecho 11: “*Agradeces por minha piedade em nome do Rei de Portugal, **verdadeiro dono destas terras.***”

Tanto no enunciado 10, proferido por Sepé Tiaraju, quanto no enunciado 11, proferido por Gomes Freire, os trechos grifados possuem uma entonação diferenciada, que destaca o mais importante na fala de cada um dos personagens, no momento das respectivas enunciações. Também é interessante destacar que os termos em destaque são pronunciados mais pausadamente do que os outros enunciados que fazem parte do diálogo de Sepé e de Freire de Andrade.

Levando em consideração o que nos diz Barros (2008) e Bakhtin (1992) e analisando as falas de Sepé Tiaraju e de Gomes Freire de Andrade, é perceptível que ambos consideravam-se donos na razão. Isso se explica pelo fato de que cada um possuía uma ideologia. Para Gomes Freire, a terra era do Rei de português, afinal, Portugal e Espanha haviam assinado um tratado que determinava que o território dos Sete Povos passaria ao domínio luso. Já para Sepé Tiaraju, a terra não poderia ser “entregue” a Portugal devido a assinatura de um documento. A enunciação de Sepe Tiaraju (Trecho 12) deixa claro seu ponto de vista e em sua voz, percebemos a voz de todos os seus companheiros de lutas, os guaranis reduzidos.

Trecho 12: “*Esta terra tem dono! Deus e São Miguel a entregaram aos animais que a tem povoado.*”

Sepé, ao sentenciar “*Está terra já tem dono*”, não refere-se a convenções e tratados, mas ao fato de que nasceu e se criou ali, onde seus antepassados também viveram e que este local, onde se estabeleceram e ergueram verdadeiras cidades não podem ser trocados por quem Reis de além-mar.



Pela maneira ousada e ríspida com a qual Sepé e Gomes Freire se tratam ao longo do diálogo que estabelecem, fica claro que um não reconhece a autoridade do outro, demonstrando a relação de horizontalidade, antes comentada. Para Sepé, líder dos indígenas, Gomes Freire se tratava de um general assalariado, que prestava serviços ao Rei Português. Para o representante de Portugal, o índio Tiaraju não passava de um bárbaro, um insolente por se achar importante ao ponto de dialogar, de igual para igual, sem se curvar diante de uma autoridade portuguesa. Todo este embate deve-se as diferentes formações ideológicas de cada um dos falantes. Sobre formações ideológicas e formações discursivas, Fiorim diz que:

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um .de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal e não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. [...] É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage lingüisticamente aos acontecimentos. (2003, p. 33)

Neste sentido, cabe destacarmos que as ideologias apresentadas pelos dois personagens acima citados, não são ideologias exclusivamente suas, mas dos grupos a que pertencem. O que dizem, nada mais são do que discursos que fazem parte do pensamento ou índios reduzidos ou de colonizadores, sejam eles portugueses ou espanhóis. O diálogo de índio e autoridade portuguesa na colônia é um retrato das tensões que existiram e de ideologias distintas, em embate.

Sobre a interação verbal entre interlocutores, devem ser considerados, conforme Barros (2008), que segue a linha dos estudos bakhtinianos, quatro aspectos:

a) a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem [...];  
 b) o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção na interpretação de textos; c) a intersubjetividade é anterior a subjetividade, pois a relação entre interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto; d) as observações feitas podem conduzir a conclusões equivocadas sobre a concepção bakhtiniana de sujeito, considerando-a “individualista” ou “subjetivista”. Na verdade, Bakhtin aponta dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade. (BARROS, 2008, p. 29)

É inegável, portanto, que a linguagem só acontece na interação. Não existe linguagem sem relação com o “outro”, seja ele um interlocutor ou até mesmo “o

outro” que constituiu nosso modo de pensar. São as relações estabelecidas com interlocutores e com a própria sociedade, que formam os discursos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como conclusão, entendemos que os embates ideológicos reconstruídos no Espetáculo, entre os dois grupos que identificamos, são fruto das diferentes verdades que traziam consigo personagens do Espetáculo. O grupo dos missionários, composto por índios e padres, apresenta uma visão de mundo, em que possuem, os sujeitos, uma relação estreita com a terra. O índio Sepé, ao referir-se a ela como “querência”, palavra que tem um sentido afetivo, retrata o apego que ele e os demais guaranis sentiam. Enquanto índios chamam a terra de “querência”, portugueses e espanhóis a designam “território”, num sentido de terra com dono, demarcada, no caso, pertencente a um Rei (primeiro ao espanhol e após o Tratado de Madrid, ao português). O fato dos colonizadores europeus tratarem a terra como “território” pode nos mostrar uma visão estrategista, onde o poder e o lucro são mais importantes do que uma relação de apego a terra, por exemplo.

É interessante percebermos que a Terra, enquanto personagem personificada, caracteriza os índios missionários como seus filhos, fazendo um cotejo à ideia universal da “mãe terra”, entretanto, não refere-se aos portugueses e espanhóis como seus filhos. A Terra, ao selecionar seus filhos, apresenta um discurso que é contra os dominadores, a quem ela mesma chama de intrusos.

Outro ponto, no qual ficam inegáveis as diferenças culturais e ideológicas, é a maneira como a ideia de “trabalho” é encarada por cada grupo. Enquanto para portugueses e espanhóis o trabalho é um meio de retorno financeiro, no contexto das missões, a noção de trabalho é vista como necessária, não havendo um pagamento pelo serviço, pois, conforme a ideologia, o trabalho já era o fim. Também nota-se que o trabalho, conforme o discurso dos padres, que são os “professores”, “doutrinadores” dos guaranis é visto como uma atividade prazerosa, descrito inclusive de forma poética. Visão está que foi importantíssima, afinal, quem construiu as edificações dos povoados missionários foram os índios, sob a coordenação dos padres jesuítas. Jesuítas estes que, conforme o espetáculo, eram amigos dos índios, respeitaram a cultura dos nativos e buscaram impedir a guerra guaraníca.

Ao percebermos estas diferenças culturais que se refletem na formação ideológica dos sujeitos, neste caso dos personagens do “Som e Luz”, é evidente que os dois grupos, jamais estabeleceriam uma relação harmoniosa, afinal, suas concepções se contrapunham em inúmeros aspectos. Neste trabalho enfatizamos as diferentes visões a respeito da terra e a respeito do trabalho, a partir de verdades apresentadas por integrantes dos dois grupos que aparecem no Espetáculo.

Ao observarmos os enunciados, levando em conta seu contexto e analisando as ideologias presente nele (a partir da palavra, signo ideológico por excelência), a escolha lexical, a entonação com que foram proferidos e as diversas vozes que os compõe, percebemos tensões presentes nos diálogos e, mais do que isso, identificamos conflitos ideológicos que são apresentados no “Som e Luz” e que, conforme cotejo a textos da história, nos levam a acreditar que, de fato, ocorreram nos Sete Povos das Missões.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª Ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2012.

BOLLELA, Maria Flávia F. **A prosódia como instrumento de persuasão**. Disponível em: <  
<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/viewFile/386/313> >. Acesso em: 10/06/2016

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org). **BAKHTIN: Dialogismo e construção de sentido**. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.

DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges (Org). **Enunciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

FAGUNDES, **Antonio Augusto**. **História do Rio Grande do Sul** (Uma nova visão da formação da terra e do povo gaúcho). Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira; Margarida dos Anjos. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MENDONÇA, Marina Célia. Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos do discurso. In: GEGe (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso) (Org) **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões de metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 107-117.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org). **BAKHTIN: conceitos chaves**. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.

NUNES, Zeno Cardoso. **Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 7ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

PONZIO, Augusto. **Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

SAQUET, Marco Aurélio. SILVA, Soeli Santos. **Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território**. Disponível em < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1389/1179> >. Acesso em 10/06/2016.

SIGNES, Alice Faria. **Apóstolos divinos ou da coroa: Jesuítas no Brasil e no Paraguai**. In: Graciela Bonassa Garcia. (Org.). Perspectivas históricas de uma mesma América. Disponível em <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/perspectivashistoricas/indice.htm>> . Acesso em 05/05/2016.

**SOM E LUZ COMPLETO**. Ruínas (São Miguel – RS). Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=zIBZuDn9oIQ> >. Acesso em 04/04/2016.

VOLOCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.